

Tecnodiversidade e bibliodiversidade nos estudos do livro e da edição

Technodiversity and Bibliodiversity in Book and Publishing Studies

Ana Elisa Ribeiro

Centro Federal de Educação Tecnológica
de Minas Gerais (CEFET-MG)

Belo Horizonte | MG | BR

anadigital@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-4422-7480>

Resumo: A noção de *tecnodiversidade* vem sendo proposta e discutida pelo filósofo chinês Yuk Hui e diz respeito ao que ele também trata como *fragmentação*, em sentido positivo, isto é, a importância de que haja diversidade tecnológica em nossos repertórios de práticas com tecnologias, a fim de que possamos evitar a padronização excessiva e mesmo a homogeneização de recursos, usos e conhecimentos, como já vemos acontecer na relação com as *big techs* e plataformas digitais. Hui defende, em um livro traduzido no Brasil com o título *Tecnodiversidade*, essa mesma noção, incluindo suas tecnologias predecessoras, num leque fundamentalmente diverso e que possa ser manejado por pessoas que fazem usos também diversos dos recursos, conforme contextos, oportunidades e contingências diferentes. A ideia de que é preciso que exista um contrafluxo à padronização não é nova e pode ser associada, no caso dos estudos da edição, à noção de *bibliodiversidade*, discutida a partir de outra, a de *multiversidade*, por Susan Hawthorne, há algumas décadas, na obra *Bibliodiversidad* (ainda sem tradução brasileira). Este artigo, de caráter ensaístico, procura e especula uma articulação entre as noções de *cosmotécnicas*, *tecnodiversidade*, *fragmentação*, *multiversidade* e *bibliodiversidade*, traçando possíveis abordagens para os estudos do livro, da leitura e de sua diversidade tecnológica, material e de práticas.

Palavras-chave: tecnodiversidade; bibliodiversidade; estudos do livro; materialidades do livro.



Abstract: The notion of *technodiversity* has been proposed and discussed by the Chinese philosopher Yuk Hui and concerns what he also treats as *fragmentation*, in a positive sense, that is, the importance of having technological diversity in our repertoires of practices with technologies, the so that we can avoid excessive standardization and even the homogenization of resources, as we already see happening in the relationship with big techs and digital platforms. Hui defends *technodiversity* (name of his book in Brazil), including its predecessor technologies, in a fundamentally diverse range that can be managed by people who make also different uses of resources, according to different contexts, opportunities and contingencies. The idea that there needs to be a counterflow to standardization is not new and can be associated, in the case of book studies, with the notion of *bibliodiversity*, discussed from that of *multiversity*, by Susan Hawthorne, a few decades ago (in her book with the same title). This article, of a theoretical and essayistic nature, seeks an articulation between the notions of *cosmotechnics*, *technodiversity*, *fragmentation*, *multiversity* and *bibliodiversity*, outlining possible approaches for the book studies, reading and their technological, material and practical diversity.

Keywords: technodiversity; bibliodiversity; book studies; materialities of the book.

1 Considerações iniciais

Os estudos do livro, da leitura e da edição fazem confluir uma série de possibilidades de abordagem dos objetos, a partir de diferentes áreas do conhecimento. Disciplinas e áreas tais como a história, a sociologia, a antropologia ou os estudos literários (letras, entre outras) têm emprestado suas angulações, teorias e definições a vários trabalhos, que, afinal, têm como centro das atenções o livro e suas condições de produção, existência, circulação, socialização, dispersão etc. Neste trabalho, parto do campo das letras na direção de uma proposta de abordagem que considera o livro em sua materialidade, em sua natureza tecnológica, isto é, em seus modos de produção e circulação totalmente vinculados à sua existência carnal e física, preterindo então análises mais próximas da abstração dos textos (Chartier, 1998; 2002).¹ É, neste caso,

¹ Roger Chartier, em vários de seus trabalhos (cito dois deles por ora), aponta justamente para a existência dos estudos dos textos sem a consideração de seus chassis e suas materialidades (*chassi* é um termo que tenho usado, ver Ribeiro, 2024), defendendo a materialização desses discursos, que tudo tem a ver com suas recep-

de fundamental importância pensar em como os livros se materializam a partir de processos de criação, projeção, composição e distribuição física, que, mesmo no caso dos *e-books*, não prescinde de algum tipo de dispositivo material de exposição e manipulação. É parcialmente enganoso pensar o livro digital como um espectro em zeros e uns, quando, de fato, ele existe e circula processado em formas materiais específicas, recentes e ainda por se tornar completamente inteligíveis. Todos esses elementos também dizem respeito ao consumo e à leitura, assim como a efeitos em rede dos livros que alcançam ou não grandes públicos, por exemplo.

Neste trabalho, propomos uma discussão conceitual sobre as tecnologias dos livros que convivem em nosso tempo, buscando reflexões e uma articulação entre noções tais como as de *biodiversidade*, já bastante corrente em nossos debates sobre a produção livreira independente, e *tecnodiversidade*, esta ainda pouco aplicada ao debate sobre livros e leitura, mas bastante pertinente ao campo editorial, em especial se nos ocupamos dos processos materiais de sua produção e circulação, hoje muito aproximadas do tenso debate sobre as plataformas digitais e a platformização de bens e serviços, o que inclui os textos, de maneira geral, e os livros, em especial (ver D'Andréa, 2020; Vecchio, 2022).

Passemos então à noção de *tecnodiversidade* proposta pelo filósofo chinês Yuk Hui nos anos 2010, o que coincide com as proposições de editores independentes da virada do milênio quanto à noção de *biodiversidade*, ambas oriundas da mesma analogia com a questão da *biodiversidade* na ecologia. Obviamente sabemos que esse não é um acaso. A aproximação entre esses pensamentos, no entanto, é uma possibilidade que talvez nos auxilie na imaginação de futuros para o livro e a leitura, evitando bases excludentes e homogeneizantes para a existência e a circulação do livro e o fomento à leitura, em todas as suas práticas.

2 Cosmotécnicas, tecnodiversidade, sincronização e fragmentação

A definição de *tecnodiversidade* nos chegou por meio dos textos do filósofo chinês Yuk Hui,² mas não diretamente da fonte. Uma de suas obras está em circulação em língua espanhola, por uma pequena editora argentina,³ desse modo aumentando as chances de que se possa, na

ções, efeitos e práticas. Nos estudos literários, ainda é comum que os textos sejam estudados na abstração de suas materialidades.

² Yuk Hui é chinês, professor e pesquisador, com passagens por vários países da Europa. Seus textos têm sido traduzidos do inglês. Todas as traduções de trechos e textos em espanhol, neste artigo, são minhas.

³ Caja Negra Editora é uma editora independente argentina que tem produzido a bela coleção *Futuros Próximos*, encontrável nas feiras do livro e em livrarias de rua de alguns países da América Latina. Segundo o site da casa, ela foi fundada em 2005 por Diego Esteras e Ezequiel Fanego e tem sedes em Buenos Aires e Madri, buscando distribuir seus livros pela América Latina e Espanha. Declaradamente, seu catálogo se compõe de ensaio e literatura, cinema, artes visuais e música, promovendo “a coexistência de materiais heterogêneos e a multiplicação de conexões sub-reptícias entre eles” (“la coexistencia de materiales heterogéneos y la multiplicación de subrepticias conexiones entre ellos”) ([Fundada en..., 200-?]). Ainda conforme a descrição do projeto no site: “Caja Negra é uma entidade pensante, um organismo tentacular cuja missão é mapear a história de episódios radicais de experimentação estética, política e vital. Dessas experiências faz livros, e desses livros, uma proliferação de alianças, ativações culturais, discussões e recursos críticos orientados a desprogramar a maquinaria do presente e multiplicar futuros incertos” (“Caja Negra es una entidad pensante, un organismo tentacular cuya misión es mapear la historia de episodios radicales de experimentación estética, política y vital. De esas experiencias hace libros, y de esos libros una proliferación de alianzas, activaciones culturales, discusiones y recursos críticos orien-

América Latina, ter acesso ao pensamento desse professor ocupado de questões que coincidem em nossas condições de não europeus e no desejo de descolonização, além da proposição de atitudes anti-homogeneizantes que nos possibilitem (se não garantirem) um futuro tecnológico (incluímos aqui o livro e a leitura) e formas de evitar o apocalipse (ao menos o cultural).

A proposta da noção de *tecnodiversidade* é derivada de uma ideia mais ampla de *cosmotécnicas*, ambas descritas no livro *The Question Concerning Technology in China: an Essay in Cosmotekhnics*, de 2016, mas rearticuladas nos capítulos do livro *Fragmentar el futuro*, de 2020, ao qual tivemos acesso recentemente.⁴ O que nos importa aqui é como Hui retoma a mirada antropológica sobre a técnica e a tecnologia, apontando para um “universal antropológico”, na expressão dele, apenas pretensamente universal. O autor nos insta “a redescobrir uma multiplicidade de cosmotécnicas juntamente de suas respectivas histórias e com as possibilidades que oferecem para fazer frente hoje à tecnologia moderna” (Hui, 2020, p. 6).⁵

Trazendo essas propostas para as nossas questões de pesquisa, seria o caso de refletirmos sobre a história do livro em nosso continente, principalmente no que ela pode ter de não europeu ou, de outro modo, se isso for impossível, no que ela tem de reapropriação e adaptação às nossas práticas e condições, a fim de, no mínimo, inventariar os processos e as formas do livro, suas práticas sociais de circulação e dispersão, em uma atitude de contrafluxo em relação às tecnologias hegemônicas que solapam as cosmotécnicas preexistentes e invisibilizam nossa tecnodiversidade recriada e contextualizada.

A noção de *cosmotécnicas*, em Hui, desafia o modo como se compreendeu a tecnologia por todo o século XX, e mesmo no XXI, em áreas como a filosofia, a antropologia e a história, das quais o campo das letras toma de empréstimo várias conceptualizações. Por diversas vezes, relembra o autor, nesses campos do saber, a invenção e o uso de ferramentas, tomadas como tecnologias, foi aspecto determinante do que se chama de *hominização*, isto é, da transformação de espécies anteriores de *Homo* até chegar ao *sapiens* e a nós.

A técnica é antropológicamente universal. Como exteriorização da memória e liberação dos órgãos, é inseparável do processo de hominização e por conseguinte da compreensão do ser humano como espécie. Por meio do desenho e da escrita, os seres humanos foram capazes de exteriorizar sua memória e sua imaginação (Hui, 2020, p. 77-78).⁶

No entanto, segundo Hui, as tecnologias não são as mesmas e nem suas existências se baseiam nas mesmas filosofias e epistemologias em toda parte da Terra. E é justo nessas diferenças que o autor se concentra, perguntando por elas e tornando-as o ponto de atenção

tados a desprogramar la maquinaria del presente y multiplicar futuros inciertos.”). Não à toa, essa editora (em português, Caixa Preta) tem publicado pensadores de diversas partes do mundo e abordado temas como utopia e futuros possíveis. Os livros são distribuídos também no México, na Colômbia, no Chile e no Uruguai. Pode-se dizer que seja uma típica editora do século XXI e que pretenda fazer o contrafluxo e a fragmentação.

⁴ Há uma tradução brasileira assinada por Humberto do Amaral lançada pela editora Ubu, em 2020-2021. O título em português é *Tecnodiversidade*. Tive acesso a ela apenas posteriormente à preparação deste trabalho.

⁵ “[...] a redescobrir una multiplicidad de cosmotécnicas junto con sus respectivas historias y con las posibilidades que ofrecen para hacer frente hoy a la tecnología moderna”.

⁶ “La técnica es antropológicamente universal. En cuanto exteriorización de la memoria y liberación de los órganos, es inseparable del proceso de hominización y por consiguiente de la comprensión del ser humano como especie. A través del dibujo y la escritura, los seres humanos fueron capaces de exteriorizar su memoria y su imaginación”.

de seu trabalho, evitando um conceito universal de tecnologia e acreditando que é na diferença que está nossa chance de futuro. Segundo ele, “[n]ão existe uma única tecnologia, mas múltiplas cosmotécnicas” (Hui, 2020, p. 11).⁷ Sob aspectos macro, o filósofo critica esse “desejo de ser universalizante” em relação às tecnologias e denuncia:

Por trás desse desejo, como sua condição de possibilidade, está a história da colonização, modernização e globalização que, junto com o crescimento econômico e a expansão militar, deu origem a uma cultura monotecnológica em que a tecnologia moderna se torna a principal força produtiva e determina, em grande medida, a relação entre seres humanos e não-humanos, o ser humano e o cosmos, a natureza e a cultura (Hui, 2020, p. 12).⁸

É central aqui a noção de uma “cultura monotecnológica” determinante de vários aspectos de nossa sociedade, assim como também é central a ideia de *sincronização* descrita por Hui (2020, p. 12-13): “A modernização como globalização é um processo de sincronização que faz convergirem diferentes temporalidades históricas em um único eixo temporal global e prioriza formas específicas do conhecimento como forças produtivas”.⁹ Há, nesse caso, e faz tempo, um domínio do pensamento europeu ocidental, e isso também acontece às cosmotécnicas ligadas ao livro e à leitura, mesmo que nos seja difícil encontrar exemplos no passado distante e que o presente pareça completamente sincronizado, quando pensamos nas formas que o livro tem hoje e na maneira como perpetuamos sua história no Brasil, para usar nosso próprio exemplo. É proposta de Hui (2020, p. 13):

Para nos separarmos dessa sincronização, precisamos de uma *fragmentação* que nos libere da temporalidade histórica linear definida pela sequência Pré-Modernidade-Modernidade-Pós-Modernidade-Apocalipse. O modo como vemos a tecnologia como mera força produtiva e mecanismo capitalista para incrementar a mais-valia nos impede de vislumbrar nela o potencial descolonizador e a necessidade de desenvolver e preservar a tecnodiversidade.¹⁰

Cosmotécnicas, tecnodiversidade, sincronização e, agora, *fragmentação* são noções que, de algum modo, parecem se encaixar em nossos temas, em especial se estamos atentos e atentas às questões dos processos de produção dos livros, suas padronizações desde as máquinas, os tamanhos, a matéria-prima, os formatos, a dependência de certos fornecedores, mas

⁷ “No existe una única tecnología, sino múltiples cosmotécnicas”.

⁸ “Detrás de ese deseo, como su condición de posibilidad, está la historia da colonización, modernización y globalización que, de la mano del crecimiento económico y la expansión militar, ha dado origen a una cultura monotecnológica en la que la tecnología moderna se vuelve la principal fuerza productiva y determina, en gran medida, la relación entre seres humanos y no-humanos, el ser humano y el cosmos, la naturaleza y la cultura”.

⁹ “La modernización en cuanto globalización es un proceso de sincronización que hace converger diferentes temporalidades históricas en un único eje temporal global y prioriza formas específicas del conocimiento como fuerzas productivas”.

¹⁰ “Para poder apartarnos de esta sincronización, necesitamos una *fragmentación* que nos libere de la temporalidad histórica lineal definida por la secuencia Pré-Modernidad-Modernidad-Pós-Modernidad-Apocalipse. El modo en que vemos la tecnología como mera fuerza productiva y mecanismo capitalista para incrementar la plus-valía nos impide vislumbrar en ella el potencial descolonizador y la necesidad de desarrollar y preservar una tecnodiversidad”.

também se refletirmos sobre certa homogeneização dos temas, das abordagens e dos modos de pensar e ver refletidos nos conteúdos. Aponta Hui o que já sabemos via sociologia: “O processo de universalização funciona de acordo com diferenças de poder: os poderes tecnologicamente mais fortes exportam conhecimento e valores aos mais fracos, e consequentemente destroem sua interioridade” (Hui, 2020, p. 30).¹¹ E, nesse ponto, a fim de recobrar essa interioridade e mesmo as chances de sobrevivência, o filósofo propõe “projetar a bifurcação de futuros tecnológicos mediante a concepção de diferentes cosmotécnicas” (Hui, 2020, p. 58)¹² ou, de maneira mais enfática: “Toda cultura não-europeia deve fazer o esforço de sistematizar sua própria cosmotécnica e reconstruir sua história” (Hui, 2020, p. 60).¹³

Essa virada consciente sobre a história e nossas próprias cosmotécnicas vem acompanhada de certo otimismo, de lufadas fortes de esperança de que ainda haja tempo de debelar a sincronização das plataformas digitais, por exemplo, e justamente no momento pós-pandêmico, quando, em muitos contextos, a experiência radical com o digital nos tornou capazes justamente de uma recriação de tudo, uma dessincronização, com a consequente e desejada destituição de formas tecnológicas que serviram ao que se chamou de globalização e, afinal, de neoliberalismo. Afirmo ele, sem propriamente rechaçar a tecnologia moderna:

Todas as culturas devem refletir sobre a questão da cosmotécnica para a nova cosmopolítica que se avizinha, já que para superar a Modernidade sem recair na guerra e no fascismo, é necessário reapropriar-se da tecnologia moderna por meio do novo enquadramento de uma cosmotécnica que consista de diferentes epistemologias e epistemes (Hui, 2020, p. 64).¹⁴

A ideia é, antes, rechaçar uma tecnologia e um futuro tecnológico que parecem únicos, lutando contra a dominação dos que têm mais poder e usam essas diferenças por meio da tecnologia. “A tecnologia moderna sincroniza as histórias não-ocidentais ao longo do eixo temporal global da Modernidade ocidental. *Oportunidade e problema* simultaneamente, o processo de sincronização permite ao mundo desfrutar da ciência e da tecnologia” (Hui, 2020, p. 74).¹⁵

Bem, a partir da proposição dessas noções, e sem ficar apenas nelas, Hui pretende que haja ação e reitera o profundo desejo de que não sejamos “marionetes das potências globais” (Hui, 2020, p. 104).¹⁶ Para isso, ele crê na solidariedade, nos coletivos, num novo enquadramento das tecnologias, inclusive e principalmente as digitais, num “trabalho sistemático de reflexão sobre as implicações epistemológicas e epistêmicas de *cosmotécnicas múltiplas*, ou

¹¹ “El proceso de universalización funciona de acuerdo con diferencias de poder: los poderes tecnológicamente más fuertes exportan conocimientos y valores a los más débiles, y en consecuencia destruyen su interioridad”.

¹² “[...] Proyectar una bifurcación de futuros tecnológicos mediante la concepción de diferentes cosmotécnicas”.

¹³ “[...] Toda cultura no-europea debe hacer el esfuerzo de sistematizar su propia cosmotécnica y reconstruir su historia”.

¹⁴ “Todas las culturas deben reflexionar sobre la cuestión de la cosmotécnica para la nueva cosmopolítica que se avecina, ya que para superar la Modernidad sin recaer en la guerra y el fascismo es necesario reapropiarse de la tecnología moderna a través del encuadre nuevo de una cosmotécnica que consista de diferentes epistemologías y epistemes”.

¹⁵ “La tecnología moderna sincroniza las historias no-occidentales a lo largo del eje temporal global de la Modernidad occidental. *Oportunidad y problema* a la vez, el proceso de sincronización permite al mundo disfrutar de la ciencia y de la tecnología.”

¹⁶ “marionetas de las potencias globales”.

seja, de uma tecnodiversidade historicamente traçável e ainda produtiva” (Hui, 2020, p. 77).¹⁷ Ele deseja uma pausa para que pensemos detidamente sobre a aceleração do processo de digitalização do mundo e, ao contrário de vê-lo como um *problema*, possamos torná-lo *oportunidade*, por meio do desenvolvimento do que chama de “tecnologias alternativas” para uma colaboração global. De certo modo, a China já vem produzindo isso na forma de aplicativos e infraestruturas, mas sem a força e o alcance das plataformas de países ocidentais.

A certa altura de suas propostas, Yuk Hui retoma as questões ecológicas que emergiram no século XX e fundamentaram grande parte do que discutimos ainda hoje. É nesse ponto que ele converge completamente com a proposição da *bibliodiversidade*, quando explicita:

O fundamento da ecologia são as diversidades, já que é só a partir das biodiversidades (a variedade e a variabilidade de genes, espécies e ecossistemas) que é possível conceptualizar o sistema ecológico. Para discutir a ecologia das máquinas, precisamos de um conceito análogo ao da biodiversidade: a tecnodiversidade (Hui, 2020, p. 130).¹⁸

De sua proposta para uma ecologia das máquinas podemos estender a analogia às formas do livro, em sua tecnodiversidade possivelmente reduzida, não fosse a reação das editoras independentes, ainda nos anos 1990, que justamente se basearam na tecnologia digital, por exemplo, e em mudanças tecnológicas relativas à programação visual e à própria impressão, para criar novas casas editoriais, novos catálogos anti-homogeneizantes (veja-se a descrição da Caja Negra Editora no rodapé 3), ampliar o espectro das autorias, das vozes, dos gêneros discursivos, hibridizar formas e conteúdos, difundir discursos contra-hegemônicos, reeditar o que poderia ter sumido, traduzir e traficar ideias e línguas, e mesmo manter vivíssima a edição impressa, o papel, a capa dura, os formatos anti-industriais, o artesanal, o mínimo, a tiragem baixa, o especial e específico, o diverso.

Tanto a noodiversidade (ou diversidade de pensamento) quanto a biodiversidade dependem da tecnodiversidade, que resiste a ser sincronizada e homogeneizada. Fragmentação significa, em primeiro lugar, romper com a convergência e a sincronização impostas pela tecnologia moderna para permitir que o pensamento divirja e se diferencie. A fim de enfrentar a gigantesca força metafísica na tecnologia, um caminho preparatório é voltar sobre a questão do local (Hui, 2020, p. 138).¹⁹

Hui nos insta a pensar nas respostas às pretensas soluções únicas ou na reação a possíveis sincronizações, e isso pela via do planejamento de novas disciplinas e instituições, tecnologias e infraestruturas que possam fazer frente a plataformas poderosas. Fazendo a

¹⁷ “[...] Trabajo sistemático de reflexión sobre las implicancias epistemológicas y epistémicas de *múltiples cosmo-técnicas*, es decir, de una tecnodiversidad históricamente trazable y aún productiva”.

¹⁸ “El fundamento de la ecología son las diversidades, ya que es solo a partir de las biodiversidades (la variedad y variabilidad de genes, especies y ecosistemas) que es posible conceptualizar el sistema ecológico. Para discutir la ecología de las máquinas necesitamos un concepto análogo al de biodiversidad: la *tecnodiversidad*”.

¹⁹ “Tanto la noodiversidad (o diversidad de pensamiento) como la biodiversidad dependen de la tecnodiversidad, que se resiste a ser sincronizada y homogeneizada. Fragmentación significa, en primer lugar, romper con la convergencia y sincronización impuestas por la tecnología moderna para permitir que el pensamiento diverja y se diferencie. A fin de enfrentar la gigantesca fuerza metafísica en la tecnología, un camino preparatorio es volver sobre la cuestión de lo local”.

aproximação que nos interessa, no campo editorial, isso parece tangível, concreto, na forma da intensa atividade editorial, de todos os portes e alcances, que inunda o planeta de iniciativas que, juntas e solidariamente, fissuram o bloco monolítico das plataformas, sejam elas os grandes grupos editoriais, sejam a Amazon, embora, claro, de maneira desigual e assimétrica, mas não sem algum efeito. Hui nos provoca a pensar em nosso futuro tecnológico e lembra, por exemplo, que antes dos pesticidas como solução única e universal para a agricultura, povos em toda parte eram tecnodiversos para cuidar de seus plantios. Seu clamor segue nesta direção:

É necessário e urgente desenvolver uma tecnodiversidade como orientação ao futuro e como política de descolonização. É ao mesmo tempo uma tarefa de reconstrução das histórias das cosmotécnicas que foram obscurecidas pela busca de uma história universal da tecnologia (e de uma história universal da humanidade), e um chamado à experimentação na arte e na tecnologia do futuro (Hui, 2020, p. 191).²⁰

E neste ponto vamos retomar as análogas noções de *multiversidade* e *bibliodiversidade*, emergidas dos debates no campo prático da edição na virada do milênio, justamente como reação à concentração editorial e à homogeneização que alcançaria o nível do discurso, para além do das formas e materialidades.

3 Multiversidade e bibliodiversidade

As noções de *multiversidade* e *bibliodiversidade*, segundo Susan Hawthorne (2018), também têm origem na ideia de *biodiversidade* na área biológica, assim como a *tecnodiversidade* de Yuk Hui (2020). No entanto, essas duas noções atinentes ao livro parecem estar em circulação há mais tempo, em especial na América Latina, mas também na Europa, em países que se posicionam na proa dos estudos editoriais, como a França e a Espanha, por exemplo. Uma parte dos pesquisadores e pesquisadoras do livro e da edição no Brasil opera com a noção de *bibliodiversidade*, inclusive adicionando a ela novos elementos da diversidade (Mihal; Szpilbarg; Ribeiro, 2021), para além das questões temáticas e do posicionamento anticapitalista do discurso de partida, no momento da concentração editorial no mundo. É, portanto, uma noção muito produtiva e prenhe, cuja mirada tem extração na mesma valorização da ideia de diversidade tomada por Hui anos depois e, mais ainda, na evidência de que diversificar é sobreviver ou ter um/algum futuro.

Segundo Hawthorne (2018), citando um texto da Alianza Internacional de Editores Independientes, de 2007, o termo *bibliodiversidade* foi cunhado por um grupo de editores chilenos, organizados na Asociación de Editores Independientes de Chile, no contexto de concentração editorial dos anos 1990-2000, quando grandes corporações, em especial de fora do mercado editorial, compravam editoras em todo o mundo, sem conhecer a fundo o mercado do livro, contaminando o setor com lógicas exógenas, asfixiantes e provocando a perda da independência editorial em relação, principalmente, aos conteúdos publicados. O

²⁰ “Es necesario y urgente desarrollar una tecnodiversidad como orientación hacia el futuro y como política de descolonización. Es al mismo tiempo una tarea de reconstrucción de las historias de cosmotécnicas que han sido oscurcidas por la búsqueda de una historia universal de la tecnología (y de una historia universal de la humanidad), y un llamado a la experimentación en el arte y la tecnología del futuro”.

editor francês Gilles Colleu, anos antes, já se dedicava às questões culturais e econômicas decorrentes da concentração editorial, assim como à defesa da bibliodiversidade, mesmo que não atribuísse tão seguramente a invenção do termo aos latino-americanos. Segundo Colleu (2008), em nota de rodapé:

O livro “criativo” é a encarnação da bibliodiversidade, por oposição ao fenômeno da “best-sellerização” (produção editorial que estaria baseada essencialmente em produtos calibrados para grandes números, que represente um risco mínimo e que essencialmente responda a objetivos financeiros). Talvez se possa atribuir a invenção desse termo a editores ou profissionais do livro latino-americanos, reunidos durante o *Salón del Libro Iberoamericano*, na Espanha, no final da década de 1990 (Colleu, 2008, p. 31, nota de rodapé).

No livro de Colleu sobre a edição independente, o Coletivo de Editores Independentes da Argentina pela Diversidade Bibliográfica (Edinar), que assina o prefácio da edição argentina, expressa a noção de “editor alternativo”, aquele que “brinda com opções” o mercado editorial, contrapondo-se à homogeneização promovida pelos grandes grupos capitalistas.

Susan Hawthorne (2018)²¹ define a *multiversidade* já no começo de seu livro e valoriza pontos como o conhecimento local, a originalidade de ideias, a resistência a um sistema convencional apoiado pelo capital, entre outros eixos. Ela introduz então a noção de *bibliodiversidade*, assim formulada:

um sistema complexo e autossuficiente de relatos, escrita, editoras e outros tipos de oratura e literatura. Aqui, tanto os escritores quanto os produtores são comparáveis aos habitantes de um ecossistema. A bibliodiversidade contribui para o florescimento da cultura e para a saúde do ecossistema social (Hawthorne, 2018, p. 20).²²

No entanto, para que a bibliodiversidade exista, é preciso que haja, antes, o que ela chama de “multiversidade cultural” (Hawthorne, 2018, p. 22), expressando o caso do livro:

As editoras pequenas e independentes contribuem com a multiversidade cultural ao editar material cultural de maneira consciente, por exemplo, quando se arriscam a publicar textos que se inspiram nas áreas do conhecimento cultural não homogeneizado e quando produzem livros que representam uma ampla variedade de pontos de vista e posições epistemológicas (Hawthorne, 2018, p. 22).²³

²¹ Edição argentina. A edição original australiana é de 2014. Em 2017, saiu a chilena. Há uma edição sendo produzida no Brasil, na parceria entre laboratórios editoriais do CEFET-MG e da UFMG.

²² “[...] un sistema complejo y autosuficiente de relatos, escritura, editorial y otros tipos de oratura y literatura. Aquí tanto los escritores como los productores son comparables a los habitantes de un ecosistema. La bibliodiversidad contribuye con el florecimiento de la cultura y la salud del ecosistema social”.

²³ “Las editoriales pequeñas e independientes contribuyen con la multiversidad cultural al editar material cultural de manera consciente, por ejemplo, cuando se arriesgan a publicar textos que se inspiran en las áreas del conocimiento cultural no homogeneizado y cuando producen libros que representan una amplia variedad de puntos de vista y posiciones epistemológicas”.

O foco da autora está na recusa da homogeneização, na diversidade de pontos de vista, na disputa entre temas e discursos, o que, como dito, foi sendo revisado ao longo dos anos, inclusive no texto de Mihal, Szpilbarg e Ribeiro (2021), no qual se propõe uma noção de bibliodiversidade que inclua aspectos autorais ligados ao gênero e à orientação sexual e dissidências, e não apenas nos catálogos, mas nas práticas do trabalho e do mercado editorial. Há também propostas de inclusão da variável “política de linguagem” entre os elementos da multiversidade tratada por editoras. Certamente, outros(as) pesquisadores(as) têm agregado aspectos à paleta de elementos que configuram a multiversidade na produção editorial.

A despeito dessa expansão da noção de *bibliodiversidade* ou de *multiversidade* no universo do livro e da leitura, há outros aspectos estruturantes ligados às tecnologias vinculadas às suas materializações e materialidades que ainda aparecem pouco no debate, inclusive porque há certa resistência de grande parte da comunidade estudiosa da edição e do livro em tratar das digitalidades, o que torna as discussões muito ou exclusivamente voltadas ao impresso e às práticas de edição e consumo relacionadas a ele. Ao buscar uma posição menos assustadiça quanto às tecnologias digitais, procuramos um debate necessário, urgente e incontornável,²⁴ sem que isso signifique uma concessão às práticas predatórias plataformizadas ou uma adesão à ideia da morte do livro impresso. O que buscamos é ter o olhar e o *timing* para compreender as sincronizações e homogeneizações do campo editorial, a fim exatamente de identificar como as práticas de multiversidade vêm garantindo o futuro não apenas dessas tecnologias, mas principalmente o da escrita e da leitura de maneira positivamente *fragmentada*, justamente por meio da atuação granular, mas muito poderosa, das editoras independentes. Consideramos, também, que a diversidade das naturezas tecnológicas e materiais do livro são formas de bibliodiversidade e devem ser compreendidas e estrategicamente fomentadas (Ribeiro, 2021).

4 Considerações finais: vinco e costura

Sabemos que os livros, hoje, vistos como tecnologia, precisam ser concebidos e considerados, inclusive estudados, no plural (Ribeiro, 2018). Seu espectro vai do livro *cartonero* ao livro de luxo (se falamos de impressos) ou do *e-book* nativo ao PDF, passando por muitas possibilidades materiais, o que tem efeitos sobre suas existências e difusões. Do ponto de vista das editoras, também é preciso ver uma paleta, cada vez mais dispersa e poderosa, que desafia limites geográficos e sociais, em especial porque os agentes desse campo encontram condições tecnológicas (digitais) de se organizar, além das analógicas, ou das conversíveis uma na outra, com a editoração eletrônica ou a digitalização. Com isso, aprendem, se espalham e descentralizam o livro e a edição, abrindo novos espaços de vivência e convivência.

Neste texto, as noções de *cosmotécnicas* e *tecnodiversidade* são centrais porque o objetivo foi aproximar as propostas do filósofo chinês Yuk Hui daquelas com as quais já estamos mais familiarizados no campo dos estudos do livro e da edição (em especial a independente), tais como a de *bibliodiversidade*. Em todo caso, essas propostas derivam da mesma ideia de que é a diversidade que oferece opção e garante algum futuro à humanidade, além de fazer

²⁴ Por exemplo, parece bastante infrutífero evitar o debate sobre a inteligência artificial e as relações com a edição e o mercado editorial. Melhor examiná-las criticamente, enquanto é tempo.

frente a tendências homogeneizantes e predatórias trazidas por pretensos universais tecnológicos. No caso de Hui, a mirada é sobre as tecnologias digitais e outras, cabendo a nós, como proposto aqui, uma aproximação mais específica ao mundo do livro e da edição, que, afinal, faz parte do macrocosmo das tecnologias.

Mais do que aproximar as noções de *tecnodiversidade* e *bibliodiversidade*, podemos pensar em costuras indissociáveis entre elas, se consideramos que a noção de *bibliodiversidade* pode incorporar a questão material e de natureza tecnológica dos livros, isto é, os livros devem ser tecnodiversos como aspecto de sua bibliodiversidade. Sabemos que diferentes materialidades são precedidas de processos de criação e produção diferentes, assim como de existências, práticas de leitura, formas de circulação, modelos de negócio etc. também diferentes. E essa diferença, e a manutenção dessa diversidade, dá opção, isto é, *fragmenta* as existências dos livros, assim como, em última instância, as possibilidades da leitura e da própria humanidade. Em outras palavras, é mais interessante que os livros existam de muitas formas, de modo tecnodiverso inclusive, em vez de passarem a existir de apenas um modo, com o consequente apagamento de cosmotécnicas anteriores, e mesmo presentes, ligadas ao mundo da edição. De alguma maneira, quando se funda uma editora *cartonera*, justamente preocupada com questões ecológicas e tirando proveito dos resíduos materiais de nossa sociedade, o que se faz é fragmentar positivamente; quando se mantém o patrimônio de uma tipografia, fragmenta-se e luta-se pela recuperação de cosmotécnicas apenas parcialmente passadas, já que elas têm alento no presente e convivem com outros modos de editar; quando se lança um livro de poemas em tipografia, baixa tiragem e costura à mão, mantém-se um modo de publicar e difundir no reforço das cosmotécnicas; quando se cria um novo formato aberto de arquivo digital, fragmenta-se em outro sentido, embora a direção continue sendo a das cosmotécnicas que se somam e se tornam, de alguma maneira, opções, alternativas aos modos homogeneizantes de fazer livros e de ler.²⁵

Obviamente que uma reflexão como esta não se exaure aqui. É possível desfazer essas costuras e propor outras, por exemplo, invertendo a relação entre bibliodiversidade e tecnodiversidade, já que o livro é apenas um dos milhares de itens do macrouniverso das tecnologias, embora nem sempre isso seja lembrado. É possível tecer considerações mais sofisticadas sobre as materialidades do livro, reunir exemplos melhores e mais precisos, assim como engendrar parágrafos mais propositivos sobre os modos diversos de fazer livro, a reação à sincronização, inclusive e principalmente escavando as cosmotécnicas ligadas ao livro antes das descobertas e invasões europeias, acatando, portanto, a sugestão de Yuk Hui para os países não europeus e suas perspectivas descoloniais. Mesmo que isso não seja feito como uma espécie de arqueologia, podemos pensar na fragmentação provocada pelos modos de editar de milhares de editoras pequenas espalhadas pelos territórios dos países latino-americanos,²⁶ que confrontam,

²⁵ Estamos pensando em modos de publicar e de ler mesclando tecnologias, tal como discutido em Vecchio (2022, e ela também analisa o que chama de *fast-publishing*, em uma analogia crítica com o *fast-food*) e em Ribeiro (2018, 2020) ou Ribeiro e Barbosa (2020, 2022); nas aproximações entre o livro e a noção de multimodalidade, em Ribeiro (2022); em novos modelos de negócio para o livro (Benchimol, 2023); nas centenas de descrições de *livro* que constam em Faria e Pericão (2008) e que já apontamos algumas vezes (Ribeiro, 2018; Ribeiro; Barbosa, 2022); nos contrafluxos conclamados por Roberto Casati (2017), um pouco menos tolerante com o digital; nas ideias inspiradoras do escritor indígena brasileiro Ailton Krenak (2020), que não sabemos se concordaria conosco.

²⁶ Um trabalho sobre isso é Rivera Mir (2021) e o aspecto da inovação nos modelos de negócios na América Latina está em Benchimol (2023).

todos os dias, práticas predatórias de publicação e vendas, em especial as das plataformas; microeditoras que se unem em cardumes, fazem feiras e encontros, publicam o *anti-best-seller*, “nicham”, atraem leitores e trocam informações sobre suas práticas e estratégias de sobrevivência. Disso decorre também, é claro, um modo de existência muitas vezes frágil e precarizado, que não deve ser esquecido, menos ainda romantizado (Vecchio, 2022). Fato é que temos encontrado definições e ideias para adiar o fim do mundo, o mundo do livro e da edição.

Agradecimentos

Ao CNPq (bolsa de produtividade em pesquisa) e ao grupo de orientandos da linha IV do Posling CEFET-MG, que me dão muitas oportunidades de pensar e repensar. Ao tradutor Sérgio Karam, companheiro de estudos editoriais, pelo auxílio na revisão final.

Referências

BENCHIMOL, Daniel. *Modelos de negocio innovadores en la industria editorial de América Latina*. Desafíos, limitaciones y oportunidades. Bogotá: Centro Regional para el Fomento del Libro en América Latina y el Caribe (Cerlalc-Unesco), 2023.

[Fundada en Argentina...]. *Caja Negra*. [S. l.]: [s. n.], [200-?]. Seção Proyecto. Disponível em: <https://cajanegraeditora.com.ar/>. Acesso em: 29 ago. 2024.

CASATI, Roberto. *Elogio del papel*. Contra el colonialismo digital. Trad. Jorge Paredes. Barcelona: Ariel/Planeta, 2017.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo Carmello Correa de Moraes. São Paulo: Unesp, 1998.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Trad. Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002.

COLLEU, Gilles. *La edición independiente como herramienta protagonista de la bibliodiversidad*. Trad. Víctor Goldstein. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: la marca editora, 2008.

D'ANDRÉA, Carlos. *Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos*. Salvador: EDUFBA, 2020.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: EDUSP, 2008.

HAWTHORNE, Susan. *Bibliodiversidad*. Un manifiesto para la edición independiente. Trad. Sáez Juan Carlos e Alejandro Caviedes. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: la marca editora, 2018.

HUI, Yuk. *Fragmentar el futuro*. Ensayos sobre tecnodiversidad. Trad. Tadeo Lima. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Caja Negra, 2020. (Colección Futuros Próximos, 33).

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MIHAL, Ivana; SZPILBARG, Daniela; RIBEIRO, Ana Elisa. Livros para infâncias diversas: onze casos de editoras independentes da Argentina e do Brasil. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 62, p. 1-16, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/2316-4018625>.

RIBEIRO, Ana Elisa. Livro e multimodalidade: concepções em trânsito na obra de Gunther Kress. *Revista Dispositiva*, v. 11, n. 20, p. 158-172, ago./dez. 2022. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/29477/20434>. Acesso em: 8 mar. 2024.

RIBEIRO, Ana Elisa. Tecnologias do livro, um falso dilema e suas razões. In: GOBIRA, Pablo (Org.). *Arte, cultura e o mundo contemporâneo digital*. Belo Horizonte: LPF Edições, 2024. p. 219-238.

RIBEIRO, Ana Elisa. Livro, hoje. Multiversidade e aspectos tecnológicos. In: DEAECTO, Marisa Midori; SOREL, Patrícia; KALIL, Livia (Org.). *Bibliodiversidade e o preço do livro: da Lei Lang à Lei Cortez: experiências e expectativas em torno da regulação do mercado editorial (1981- 2021)*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2021. p. 129-144.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Livro: edição e tecnologias no século XXI*. Belo Horizonte: Moinhos: Contafios, 2018. (Coleção Pensar Edição).

RIBEIRO, Ana Elisa. Sem modo avião: jovens e leitura de livros, hoje. *Comunicação & Educação*, ano XXV, n. 1, p. 93-108, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/159026/167361>. Acesso em: 24 set. 2021.

RIBEIRO, Ana Elisa; BARBOSA, Amanda Ribeiro. Duas tecnologias de um livro: alfabetizar em linguagens. *Revista Brasileira de Alfabetização*, n. 13, p. 47-56, 2020. DOI: <https://doi.org/10.47249/rba2020456>.

RIBEIRO, Ana Elisa; BARBOSA, Amanda Ribeiro. Poemas de brinquedo: com quantos adjetivos se faz um livro no século XXI? In: GOBIRA, Pablo (Org.). VI SEMINÁRIO DE ARTES DIGITAIS (SAD), 2020/2021, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2022. p. 522-531.

RIVERA MIR, Sebastián. *Edición latinoamericana*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; México DF: Casa Abierta al Tiempo, 2021. (Coleção Palabras clave). Disponível em: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/15740/1/Edicion-latino.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2024.

VECCHIO, Pollyanna de Mattos. *O direito de publicar: autopublicação, fast-publishing e tecnologias digitais no mercado editorial brasileiro*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.